

**LINGUAGEM VERBAL E NÃO VERBAL MANIFESTANDO SENTIDOS: ANÁLISE DA
CAPA DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA 2017**

**VERBAL AND NOT VERBAL LANGUAGE MANIFESTING SENSES: ANALYSIS OF
THE COVER OF THE MAGAZINE CONNECTION LITERATURE 2017**

Miguel Rettenmaier da Silva¹

Margarete Maria Soares Bin²

Resumo: Neste artigo, aborda-se o sincretismo, considerando como corpus a capa de 2017 da Revista *Conexão Literatura*, a qual é um canal digital mensal e gratuito destinada ao público do meio literário e que consegue acessar a internet. A referida análise tem por objetivo relacionar elementos semióticos presentes na capa com o conteúdo expresso no discurso que se encontra no interior da revista, tendo como figura central da capa a escritora Conceição Evaristo, a qual está no auge de sua carreira. Assim, nota-se, que a utilização do sincretismo presente na capa visa tentar atrair o público leitor a ler a entrevista. Dessa forma, torna-se imprescindível discorrer sobre os elementos presentes na capa que remetem ao que a autora defende dentro da revista. A pesquisa aqui desenvolvida é qualitativa e é possível perceber por meio das teorias estudadas, principalmente de Barros (2005), Discini (2005), Fiorin (2016), Gomes (2008), Teixeira (2014), Hall (1997) e de Greimas, A; Courtés, J. (2008), além da prática registrada, que há vários elementos constantes na entrevista da escritora conectados com o que aparece na capa, principalmente relacionados com a identidade da autora e sua trajetória, pelo uso das cores, das palavras e a apresentação do perfil da autora.

Palavras-chave: Sincretismo; Capa de Revista; Gêneros do discurso.

Abstract: In this article syncretism is approached, considering as corpus the cover of 2017 of Revista *Conexão Literatura*, which is a monthly digital channel and gratuitous destined to the public of the literary medium and that can access the internet. The purpose of this analysis is to relate semiotic elements presented on the cover with the content expressed in the discourse that is inside the magazine, with the central presence of the cover the writer Conceição Evaristo, who is at the height of her career. Thus, it is noted that the use of the syncretism presented in the cover aims to try to attract the reading public to read the interview. So, it is essential to discuss the elements on the cover that refer to what the author defends within the magazine. The research developed here is qualitative and it is possible to perceive through the theories studied, especially Barros (2005), Discini (2005), Fiorin (2016), Gomes (2008), Teixeira (2014), Hall (1997) and Greimas, A; Courtés, J. (2008), besides the recorded practice, that there are several elements in the interview of the writer connected with what appears on the cover, mainly related to the author's identity and its trajectory, by the use of colors, words and presentation of the author's profile.

¹ Professor da UPF (Universidade de Passo Fundo-RS, Brasil), atuando na Graduação, Mestrado e Doutorado. Pós-Doutorado pela Universidade de Santiago de Compostela, pesquisador da obra de Josué Guimarães. E-mail: miguel@upf.br

² Doutoranda e Bolsista em Letras, área de Pesquisa: Leitura e Formação do Leitor pela UPF (Universidade de Passo Fundo, RS, Brasil). E-mail: margarettesbin@yahoo.com.br.

Keyword: Syncretism; Magazine cover; Discourse genres.

1 Introdução

A linguagem é indispensável na comunicação, pois por meio dela as interações sociais ocorrem. Há que se considerar que a comunicação tem o intuito de despertar reações em quem a recebe e a linguagem torna-se o meio pelo qual mobiliza ações, dotada de intencionalidade.

É importante ressaltar que a revista se constitui numa comunicação midiática que visa conquistar leitores e por isso o primeiro contato do leitor com a mesma é pela capa. Se ela agrada ao leitor, este irá adiante, ou seja, fará a leitura do conteúdo interno. Dessa forma, a pretensão é tornar a capa a mais atrativa possível a fim de induzi-lo a ler toda a revista. Assim, ao apresentar a revista com a chamada na capa, a preocupação fica centralizada na apresentação estética das informações, proporcionando uma capa que emocionalmente motive o leitor a querer ler.

Neste trabalho apresenta-se a análise da capa da Revista *conexão Literatura*, à qual é uma revista digital liberada gratuitamente com publicações relacionadas à literatura. A referida capa, da edição de junho de 2017, procura configurar, principalmente por meio da imagem, o discurso que se encontra no interior da revista. Complementa-se que a figura principal é da escritora Conceição Evaristo, à qual concedeu uma entrevista que está publicada nas páginas da revista.

Convém destacar que o objetivo atrelado a este trabalho é mostrar como a linguagem verbal e, principalmente, a linguagem não verbal presente na capa remetem ao conteúdo explanado no interior da revista, ou seja, na entrevista. E para isso, primeiramente, apresentar-se-á o embasamento teórico seguindo a Semiótica greimasiana, mostrando conceitos primordiais para a elucidação desta análise. Na sequência destinar-se-á um capítulo para o estudo da identidade, já que esta torna-se primordial para a análise e, por último, analisa-se o corpus: capa da revista *conexão Literatura* de junho de 2017 associada às informações da entrevista.

2 Gênero capa de revista e o sincretismo presente

O uso da linguagem ocorre por meio de gêneros discursivos que regularizam as práticas desenvolvidas na sociedade. Entende-se que o caráter e as formas desse uso são tão multiformes quanto os campos da atividade humana.

De acordo com Bakhtin (2003), a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou de outra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades das esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, mas também, por sua construção composicional. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, e cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso denominado *gêneros do discurso*.

A variedade dos gêneros do discurso é infinita, e cada esfera da atividade humana comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Dentro dessa variedade de gêneros disponíveis, este estudo focará o gênero capa de revista da esfera social do jornalismo digital.

A capa de revista é uma página que proporciona um discurso produzido pelos elementos verbais e não verbais, fornecendo possibilidades de entendimento por meio da análise dos mesmos. Para isso, faz-se importante considerar que uma capa manifesta a intenção de influenciar o leitor por meio do uso de variedade de linguagens, ou seja, conforme a semiótica *greimasiana* textos/enunciados sincréticos, cujo nome é devido ao seu fundador, o lituano Algirdas Julien Greimas, autor debitário da linguística estrutural de Ferdinand Saussure e de Louis Hjelmslev. (HJELMSLEV, 1968, p. 66).

Para Greimas e Courtés (2008) são consideradas sincréticas as semióticas que acionam múltiplas linguagens de comunicação. Entretanto, há que se considerar, seguindo Teixeira (2014), que os textos sincréticos não podem ser abordados apenas como uma soma de diferentes códigos em interação, mas como produtos de operações enunciativas que proporcionam unidade à diversidade.

A semiótica tem por objeto, segundo Barros (2005), explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer. Além disso, vale ressaltar que “o texto é produto das escolhas de um enunciadador e do fazer interpretativo de um enunciatário” (TEIXEIRA, 2014, p. 318). Tomando o texto como objeto de significação, a semiótica se preocupa em estudar os mecanismos que o engendram, que o constituem como um todo significativo. (MATTE,

2009). Para esta autora, semiótica trata-se de uma teoria linguística com grande poder interdisciplinar, que permite análises textuais nos diversos campos do conhecimento que dela podem valer-se para resolver problemas relativos à construção do sentido em diferentes objetos. A semiose (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p.447-448) é a própria função semiótica: processo de produção de sentido, o feito que permite às coisas dizerem o que nos dizem.

Assim, analisa-se a capa da revista para construir-lhe sentido por meio da análise de seus procedimentos, recuperando o enredo da sociedade e da história. Agrega-se a isso entender a referência, seguindo Fiorin (2009), de texto sincrético, em que a enunciação utiliza diferentes substâncias para manifestar, no texto, um conteúdo e uma forma de expressão.

Cabe registrar, seguindo Fiorin (2016), que o plano de conteúdo se refere ao significado do texto, aquilo que o texto diz, já o plano de expressão é a manifestação do conteúdo, se refere a como ou através de que código (verbal, icônico, gestual) expressa o conteúdo do texto. Acrescenta-se que o texto sincrético não é uma mistura de componentes diversos, é uma superposição de conteúdos formando um todo de significação. (CORTINA, DA SILVA, 2014). Trata-se, assim, de materialidades aglutinadas numa nova linguagem do sentido individual ao sentido articulado.

Tais colocações vão ao encontro das afirmações de Norma Discini (2005). Para a autora, é necessário absorver a voz de um texto como determinado ponto de vista sobre o mundo, o que supõe identificar um *eu* que fala (autor), o *tu* que escuta (leitor), sujeitos esses que interagem, encontrando-se também o *e/e*, aquilo de que ou de quem *eu* e *tu* falam. Adiciona-se a isso o fato de que o leitor se firma como co-autor na medida em que se delinea como feixe de estratégias argumentativas do próprio autor, sempre inscritas no texto. Descrever o sentido desse, para a referida autora, é “orientar o olhar analítico para alguém da aparência do que é dito, onde está a imanência” (DISCINI, 2005, p. 263). De modo especial, enfatiza-se que o eu se constitui pelo outro; discurso e sujeito constituem-se como conjunto de crenças internalizadas por uma classe social, à qual, só existe pelo confronto com outra classe social. Disso decorre que o sujeito deve ser visto no dialogismo que o constitui.

Outrossim, salienta-se que o texto sincrético que aqui se apresenta tem como suporte uma revista utilizando-se de texto verbal e especialmente não-verbal, pois cada

vez mais a imagem adquire importância, fazendo com que os elementos visuais tenham maior visibilidade. Há que se considerar que as capas de revista são utilizadas da palavra e imagem para atrair os leitores, uma complementando a outra, em outros casos, predomina o conteúdo visual, cabendo ao leitor a tarefa da interpretação de tais elementos. Complementa-se, seguindo Gomes (2008), que nas capas são selecionadas chamadas de notícias, às quais visam funcionar como apelo a uma rápida leitura, a uma “olhadela”. Esse modo de fazer ver e saber, ligeiro, abrangente, faz com que uma primeira apreensão do sentido se dê através de alguns elementos textuais colocados em destaque em detrimento de outros. Neste caso, aqui em análise, é a presença marcante da escritora que sobressai. A imagem é utilizada a fim de tentar capturar o leitor a ler a entrevista.

A esse respeito Acosta-Pereira (2008) afirma que as chamadas de capa servem como indicadores de localização e persuasão, isto é, direcionam os leitores para determinadas páginas e/ou seções dos jornais, indicando determinadas notícias e convencendo-os a ler. Assim, a forma e a disposição da figura da autora que aparece na capa, não por acaso, produzem sentido. Para Fiorin:

Tanto a linguagem verbal quanto as linguagens não-verbais expressam sentidos, e, para isso, utilizam-se de signos com a diferença de que, na primeira, os signos são constituídos dos sons da língua (por exemplo mesa, fada, árvore), ao passo que nas outras exploram-se outros signos, como as formas, a cor, os gestos, os sons musicais, etc. (FIORIN, 2002, p. 371)

Por isso, essas intenções presentes na referida capa da revista serão aqui, neste artigo, analisadas. Torna-se importante complementar, seguindo Bakhtin (1979), que todo signo é ideológico, pois possui um significado e remete a algo fora de si mesmo.

Pode-se entender, então, seguindo Aguiar (2004) que o signo ideológico é uma produção social que habita a consciência de cada participante do grupo, e essa consciência é alimentada e desenvolvida nas trocas comunicativas, as quais são ideológicas e condicionadas às leis sociais. Para Discini (2005) o sujeito não tem liberdade para ser único no que vai pensar e dizer, pois sofre influências das formações ideológicas que o constitui.

Torna-se fundamental enfatizar que a linguagem visual suplanta a verbal nesta análise, mesmo existindo palavras na capa da revista, o que atrai é a imagem da escritora e o escrito fica em segundo plano. A partir disso, salienta-se, seguindo Teixeira (2014), que a análise aqui proposta trata-se de uma forma de desconstruir para depois reconstruir como um todo de sentido, já que se perde o efeito de unidade da criação com a finalidade de chegar a uma unidade interpretativa, por meio da observação das letras e cores utilizadas na composição quanto na organização que permitem à ideia de forma.

Após a discussão do gênero do discurso capa de revista e conceitos pertinentes ao sincretismo, parte-se para o estudo da identidade, à qual estará fortemente presente na análise deste artigo.

3 Questões identitárias em discussão

Tendo como análise neste artigo a capa de uma revista em que figura a autora Conceição Evaristo, uma mulher negra, registra-se informações pertinentes à identidade, pois a busca pela melhoria das condições sociais expandiu-se para a formação das identidades (HALL, 2006). Em se tratando de identidade complementa-se com as seguintes considerações:

É então no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. (LOURO, 2000, p. 6)

Para o referido autor, através de muitos processos, de cuidados físicos, adornos, as pessoas inscrevem nos corpos marcas de identidade, e em consequência, de diferenciação. Assim, é possível treinar os sentidos para perceber e decodificar essas marcas, podendo identificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam fisicamente, pelos comportamentos, gestos que empregam e pelas formas com que se expressam. Não se poderia deixar de complementar com Block, o qual afirma que:

As identidades são socialmente construídas, autoconscientes, narrativas contínuas que os indivíduos desempenham, interpretam e projetam nas roupas, movimentos corporais, ações e linguagens. O emprego da identidade ocorre na companhia de outras pessoas face a face ou em um modo mediado eletronicamente – com quem, indivíduos em posições variadas compartilham crenças, motivações, valores, atividades e práticas. As identidades são sobre negociação de novas posições do sujeito no entrecruzamento do passado, presente e futuro. [...] Há relações desiguais de poder para lidar com os diferentes capitais – econômicos, culturais e sociais – que tanto facilitam e restringem as interações com outras pessoas em diferentes comunidades de prática com que os indivíduos se envolvem em suas vidas. Finalmente, as identidades estão relacionadas a diferentes categorias tradicionalmente demográficas, como etnia, raça, nacionalidade, migração, gênero, classe social e língua. (BLOCK, 2007, p. 27)

Assim, as identidades são construídas social, histórica, discursiva e culturalmente, estando em constante transformação. Muitas vezes observando essas marcas de identidade as pessoas acabam classificando umas às outras. Dessa forma, convém complementar, seguindo Louro (2000) que a sociedade, ao atribuir rótulos, tem a intenção de fixar a identidade. Eis o que se verificará durante este artigo, pois a imagem leva a crer que a intenção da capa da revista volta-se para manter uma marca do que se quer transmitir. Gonçalves (2003, p.22-23) afirma que “do ponto de vista sociológico, hoje, não temos mais nenhuma dificuldade para compreender que a identidade é construída histórica e socialmente, que é uma construção política”. Já com relação à construção de identidade negra, Gomes (2005, p. 43) assevera que “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiras”.

Basta pensar que hoje as opções de cor no Brasil, de acordo com a classificação oficial do IBGE (PETRUCCELLI, 2013, p. 20) são as seguintes: branco, preto, pardo, indígena e amarelo. No Brasil, as pessoas pretas e pardas tendem a autoidentificar-se por referência às cores, tais como: moreno, moreno claro, mulato, moreninho, entre outros. De acordo com d’Adesky (2001, p. 136) a classificação de cor popular no Brasil incluiu 136 maneiras que as pessoas utilizaram para se autoidentificar.

Para uma melhor compreensão das 136 maneiras de os brasileiros se autotranscreverem (como mencionado anteriormente), é necessário considerar as identidades sociais, letramento visual e letramento crítico. Pinto (1996) sugere que

pertencer a certa “raça”/origem étnica pressupõe, necessariamente, ter uma identificação com o grupo a que se pertence. Isso significa também que, de acordo com Muller *et al.* (2002, p.32) “identidade é uma construção social que produz efeitos sociais”. De acordo com Hall (2000, p. 19), “identidades são, assim, pontos de apego temporário a certas posições que as práticas discursivas constroem para nós”.

Hall (1997, p. 19) assevera que “[...] signos visuais e imagens, mesmo quando eles carregam uma semelhança para as coisas a que se quer referir, são ainda signos: eles carregam significados e têm que ser interpretados”. É isso o que se pretende nesta análise. Segundo Louro (2008), as identidades que não se enquadram nos padrões que são tomados como referência pela sociedade são denominados diferentes. Sendo assim, as marcas de diferença são inscritas pelos saberes legitimados e reiteradas por práticas sociais. No entanto, é preciso valorizar as diferenças. Não é preciso que o sujeito que deseja demonstrar que faz parte de um grupo necessite lembrar pelas suas vestes que pertence a este ou aquele segmento, para demonstrar seu orgulho por nele estar inserido e sim apenas ser aceito. “A diferença é produzida através de processos discursivos e culturais” (LOURO, 2008, p. 22).

Disso pode-se ratificar que a identidade não é estável, mas sim em transformação. Para Hall (1990, p. 222), “ao invés de pensarmos como identidade como fato já concluído, [...] devemos pensar identidade como uma ‘produção’, que nunca está completa, que está sempre em processo, sempre constituída dentro e não fora da representação”. Ainda, o autor acrescenta, que o sujeito não é constituído de uma única identidade, mas múltiplas identidades. Porém, Moita Lopes (2002) argumenta que as múltiplas identidades não dependem da vontade das pessoas, mas são determinadas pelas práticas discursivas, impregnadas pelo poder. Assim, a linguagem utilizada para os sujeitos se posicionarem é um fator determinante na construção das identidades.

Após essa breve discussão sobre identidade, passa-se à seção à qual se apresentará a análise do corpus capa de revista. É importante pontuar que o objetivo deste artigo é relacionar elementos semióticos presentes na capa com o conteúdo expresso no discurso presente no interior da revista.

4 Análise da capa de revista *conexão Literatura* de junho/2017

As capas de revista são, frequentemente, material de análise de artigos devido ao uso frequente de imagens veiculadoras de sentido. Sabe-se que as imagens fazem parte da história, influenciando as pessoas, desde a mais tenra idade até a velhice. Pensando nisso, a imagem exerce um poder sobre as pessoas e por essa razão ela é elaborada a fim de que se cumpra o que por ela é desejado. Inúmeros fatores levam o autor a pensar na capa, neste caso específico, a intenção é atrair os leitores para ler a revista, trazendo para esta revista mensal uma escritora que hoje colhe as glórias do seu trabalho, mas que outrora teve uma caminhada difícil, a qual deseja representar pelo perfil da própria capa. Há que se considerar que a linguagem não-verbal predomina na capa.

A revista *conexão Literatura*, contendo o objeto desta análise, é um canal digital mensal e gratuito, sendo esta literária para o público do meio literário (leitores, escritores, literatos). A revista foi lançada em julho de 2015. Feita para um público que consegue acessar a internet e um público esclarecido, bem informado. Na edição de maio apresentou na capa Carolina de Jesus por também ser negra e autora, juntamente com o seguinte teor: “Carolina de Jesus favelada, catadora, escritora.” Únicas edições que destacam a presença de autoras afros reverenciadas na capa.

A imagem veiculada pela capa de junho de 2017 é a seguinte:

Figura 1: Capa da Revista *conexão Literatura* junho de 2017



Fonte: Revista conexão Literatura, junho, 2017.

A capa tem o intuito de tentar seduzir o leitor, pois é o primeiro contato deste com o conteúdo da revista. A apresentação da primeira página, segundo Teixeira (2014, p. 322), “põe em relevo a visualidade, de forma que o que se torna proeminente é a organização topológica dos elementos.” Aqui une cor, imagem, ângulo e escrita para construção da mensagem, assim, percebe-se um texto sincrético, por isso é preciso analisar o conjunto.

A imagem da autora está em evidência na capa, já que tornou-se uma personalidade literária reconhecida na atualidade, predominando o tom amarelo, o qual remete à brasilidade, aparecendo em segundo plano a escrita cursiva, bem como apresentando informações adicionais na parte inferior da capa sobre a escritora e sua forma de escrever, utilizando-se para isso das cores branca, amarela, com destaque para o nome da autora, que representa a minoria das mulheres negras a protagonizar uma capa de revista.

Dado o exposto, cabe reconhecer, observando as colocações de Gomes (2008), que a estratégia enunciativa, ao empregar procedimentos de sincretização de linguagens,

ajuda a construir a identidade semiótica, que nesta análise se refere a capa de revista, selecionando o enunciatório ao qual se dirige. Empresta-lhe também, visibilidade, agregando um traço diferencial no meio do ruído intermitente provocado pela saturação de informações que circulam na sociedade contemporânea.

A autora Conceição Evaristo se encontra no auge de sua carreira, inclusive esteve presente na *Jornada Literária* (2017) da UPF (Universidade de Passo Fundo) desta cidade, é líder do movimento negro, isso justifica o fato de estar em evidência na capa. Salienta-se, conforme Gomes (2008, p.63) que “na fotografia a figuratividade remete a figuras do mundo reconhecíveis”. Ainda, outra autora acrescenta que “o papel ancorador da fotografia é assegurado pela crença ideológico-cultural no seu caráter de ‘cópia do real’”. (BARROS, 1995, p. 61). Destarte, a fotografia torna-se expressão de verdade, uma garantia de fidelidade ao real.

Primeiramente, a análise direciona-se para averiguar o não verbal presente na capa relacionando com a entrevista concedida pela autora, que está publicada dentro da revista. Na sequência proceder-se-á a análise da linguagem verbal presente na capa e sua relação com a entrevista. Percebe-se que a autora é destaque da revista como o título da entrevista sugere. Assim, a imagem central dialoga com o tema principal que é o próprio nome da escritora “Conceição Evaristo”. Cavalcante (2017) se refere a esse posicionamento na capa como metafunção composicional, que combina o modo como os elementos estão distribuídos na imagem, como estão enquadrados, o que está mais saliente, neste caso, a imagem se encontra centralizada.

Na introdução da entrevista, encontram-se basicamente os dados que em sua maioria vão compor a capa. Inicia fazendo referência “Uma das grandes escritoras do país na atualidade e ativista do movimento negro, para o qual dá voz com sua literatura e atuação, a também professora mineira Conceição Evaristo”. (Revista *conexão Literatura*, 2018, p. 5). Na capa, o enfoque está direcionado para a imagem que predomina e é “grande” tal qual a referência que a ela é feita, mostrando a proporção a que chegou como escritora e também o quanto é grande e forte, pois venceu na vida, conquistou um espaço privilegiado, após superar vários preconceitos: ser mulher, negra e pobre. “Nascida em uma favela de Belo Horizonte, trabalhou como doméstica em sua cidade até seguir para o Rio de Janeiro, onde concluiu doutorado em literatura brasileira, ministrou aulas e se transformou em uma reconhecida autora de romances e contos”.

Há que se salientar que sua preocupação é escrever para esse público pelo qual cria seus personagens, como se percebe na resposta dada para a pergunta (Revista conexão Literatura, 2017, p. 6) “Quando escreve a senhora pensa num público alvo específico?” A resposta da escritora foi: “O meu grande desejo é que minha escrita pudesse chegar até às pessoas que me inspiram”. A escritora complementa que o primeiro espaço de recepção que teve foi dentro do *Movimento Social Negro* e que escreve também para as pessoas que são atentas para os modos de relações raciais na sociedade brasileira. Isso posto, percebe-se a forte identidade presente, principalmente quanto ao fato de ser negra, e isso ficou evidente pela imagem da capa, já que ela ocupa quase toda a capa. A capa representa a valorização da sua identidade negra. Nota-se tanto nos discursos verbais quanto em não-verbais dispostos na capa, a intenção de tornar explícita a forte valorização da trajetória da escritora indo ao encontro do que está em seu depoimento durante a entrevista que aparece no interior da revista.

As cores que se apresentam na capa são discursos nos textos midiáticos, pois elas ganham e representam valores culturais. As cores tomam forma e significado em uma determinada cultura, dependendo da intencionalidade de quem utiliza. Segundo explica Acosta-Pereira:

As projeções estilístico-composicionais das fotografias nas notícias podem estar relacionadas com: a cor - a fotografia colorida possui efeitos valorativos diferentes daquelas em preto e branco, isto é, imagens fotográficas em cores apresentam uma aceitabilidade por parte do leitor do fato ocorrido maior que quando apresentadas bicoloridas. (ACOSTA-PEREIRA, 2008 p. 189)

O que se constata ao observar o uso da cor amarela na roupa e no fundo da capa é que tal cor representa o continente africano, o qual é quente, então, os tons do vestuário acompanham o clima com cores fortes e vibrantes. Assim, a escolha pela cor, muitas vezes acontece pelo o que pode acarretar e não necessariamente por preferências pessoais. Para Farina (1994, p. 27), “[...] a cor exerce uma ação tríplice, a de impressionar, a de expressar e a de construir. A cor é vista, impressiona a retina. É sentida, provoca emoção. E é construtiva, pois, tem um significado próprio. ”

Além disso, a cor amarela é primária, sem mistura, é a cor do sol, em consequência disso, da iluminação. Nesse sentido, poder-se-ia pensar na autora como pessoa iluminada, basta observar a situação que ela relata, sendo uma das poucas

negras que saiu de sua condição de doméstica à Dra. em Literatura e escritora, mostrando que é possível conquistar os objetivos. Ainda, há que se acrescentar que o amarelo da bandeira do Brasil representa a riqueza (pode significar tanto em conhecimento como em oportunidades), além de trazer essa identificação com o país. Não se deve esquecer a cor das letras que compõem o nome da revista, que é o mesmo tom usado para realçar a escritora, fazendo com que a revista se coloque no mesmo patamar da escolhida para a capa, ou seja, a autora representa a revista.

É preciso reconhecer que há outros elementos existentes na imagem da autora que remetem à identidade negra além da presença da cor. Os cabelos afros, com turbante (cada amarração tem um significado diferente), adereço introduzido pelos negros vindos da África. É usado para proteger a cabeça que simboliza os pensamentos e a fé. Dessa forma, é um elemento cultural. Mais um significado de afirmação da identidade é o uso de brincos grandes. A exuberância se faz presente, cores pouco discretas, confeccionadas em metal. O visual mostra que a maneira de estar vestida revela manifestações culturais enraizadas na história.

Além da discriminação racial que pretendeu deixar evidente ao ser questionada sobre as obras tornarem-se ferramentas contra a discriminação racial e também injustiças sociais, a autora acredita que existem discursos literários que instigam posturas racistas, machistas, homofóbicas e outras práticas cruéis, mas que há uma literatura que pode concorrer para relações mais humanas entre as pessoas. A autora termina a entrevista dizendo:

Precisamos mais do que celebrar as histórias de exceção, mais do que celebrar as vitórias pessoais, precisamos refletir sobre a crueldade da regra. Quais são os limites impostos pelas regras que interditam a chegada de muitos, permitindo que só uns poucos consigam os resultados finais. (EVARISTO, 2017, p. 10)

A trajetória que enfrentou foi rude, o leitor ao se defrontar com o rosto da escritora, pode perceber nitidamente isso. Apresenta a expressão do rosto sofrido, não sorri e isso fortalece a ideia do sofrimento pelo qual passou, mexendo com a emotividade do leitor. Cabe considerar, seguindo Teixeira (2014), que todo texto faz uso de ferramentas, neste caso foi construir efeitos de aproximação junto ao público leitor e não foi preciso efeitos

especiais para isso, a história vivida pela personagem representada pela imagem é o fator determinante para causar essa sensibilidade.

Unindo-se às características marcantes que representam o sofrimento, observa-se que não quer camuflar a experiência que passou para chegar até aqui, por isso mantém os cabelos brancos, sem tintura, refletindo seu extenso histórico de vida. Entretanto, faz uso de batom para provar que é feminina, é mulher. Mesmo sendo este discreto. Também, não se preocupou em retirar suas imperfeições como a verruga no nariz e manchas que aparecem em seu rosto, provavelmente porque são as marcas que demonstram o que passou e não quer mascará-las.

Outro item que merece destaque é o olhar firme, este se encontra com o olhar do leitor, encarando-o, sem medo, como se tivesse falando com ele. Olhos nos olhos. O olhar do leitor deve ser fisgado para que se interesse pelo texto. Ainda, sendo a revista dirigida para o público literário, provavelmente olhando a imagem identifique a quem se refere, pois é uma escritora que se destaca na atualidade.

Por conseguinte, os elementos visuais agregam valores culturais, socialmente adquiridos. Registra-se na imagem a visão que se desejou passar da escritora tal qual o perfil descrito em sua entrevista. Desse modo, a imagem, procura ser o centro das atenções do leitor, já que geralmente há dificuldade de mulheres negras se tornarem escritoras, devido ao preconceito que infelizmente ainda impera e porque seus trabalhos costumam a ser valorizados. Ao se considerar o cenário brasileiro, é possível perceber os poucos negros que se tornaram célebres. Pode-se citar Machado de Assis, o poeta Cruz e Souza, Joel Rufino dos Santos.

Até aqui procurou-se apresentar elementos e analisar presentes na capa da revista relacionados à linguagem não verbal. A partir daqui os elementos analisados farão referência à linguagem verbal. Quanto à linguagem verbal, na capa, observa-se que é um elemento secundário. Na parte superior da capa se encontra o título da Revista: *conexão Literatura*. Centralizada, encontra-se a imagem da autora e logo abaixo há o texto verbal. Nota-se um diálogo entre as chamadas menores e a maior. O nome da escritora, na chamada maior, vincula-se ao fato de ser escritora, relacionado ao conteúdo das chamadas menores: CONCEIÇÃO EVARISTO

ESCRITORA E ATIVISTA DO MOVIMENTO NEGRO

“ESCRIVIVÊNCIAS”

A ESCRITA QUE NASCE DAS VIVÊNCIAS.

No pé da capa, à direita está escrito:

CONFIRA NESTA EDIÇÃO:

AUDIOLIVROS GRÁTIS

Esses dados apontados tornam-se um resumo do que consta na entrevista e direcionam para o nome da escritora, ligada à sua identidade, profissão e que tipo de escrita predomina nos seus textos. Além de serem condizentes com a imagem de Conceição Evaristo, refletem sua posição e história de vida.

Quando a escritora usa a expressão “Escrivivências” está se referindo ao registro da escrita do seu trabalho, baseado no que vivenciou, mesmo que seja ficção. Logo, significa escrever + viver. Outrossim, exemplifica sua própria escrita ao usar de fundo, na capa, a letra, que não é bonita, mas que reflete a situação da educação a que ainda se encontra o país, pois a evolução é lenta, mesmo com tanta fala sobre tecnologia e mesmo na era do letramento digital, se está atingindo o básico que é aprender a ler e a escrever e ainda com dificuldades. Assim, mesmo em uma revista digital, o texto que se apresenta de fundo é feito com letra cursiva. Ademais, o termo acima traz a ideia de construção desse sujeito social por meio da escrita. Foi dessa forma que se consagrou na literatura.

Essa escrita aparece de fundo, em segundo plano, registrada em uma folha de caderno espiral, tendo como prioridade a figura da escritora, o que poderia se pensar na interpretação de uma negra dominando a escrita. Há que se salientar que o fato de ter formação em Literatura, impõe respeito à escritora, pois presume-se conhecimento teórico da área.

Algumas palavras que aparecem naquela folha de caderno tornam-se relevantes apontar: a linguagem coloquial “a gente”, o uso da 1ª pessoa “eu” provavelmente porque relata suas histórias de vida e “mulher” representando a dificuldade de se inserir como escritora pelo seu gênero, de procedência humilde, oriunda da favela. Ainda, palavras-chave que correspondem as suas vivências: “calada”, “força”, “esconde”, “dores”, e sendo palavras não significam apenas para ela, mas estão presentes no discurso de uma vasta gama de leitores que irão se identificar com a entrevistada. De acordo com Bakhtin, todos os nossos enunciados são plenos de palavras dos outros, em diferentes graus de assimilação, de alteridade, de aperceptibilidade e de relevância. “Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos.” (BAKHTIN, 2003, p. 295).

Não se poderia deixar de destacar que o nome “Conceição Evaristo” está na cor branca. Assim, uma possibilidade de interpretação seria o fato de que sendo negra, seu nome inseriu-se no mundo dos brancos já que passou a ser escritora. O que se complementa pelas outras palavras na cor branca: “Escrivivências” e “A escritora que nasce das vivências”. Quando se refere a “Escritora e ativista do movimento negro” que se relaciona a seu pertencimento, a cor volta-se para o amarelo, destacando sua cultura. Essa marca de pertencimento é muito presente na fala e visual da escritora, pois ela não nasceu rodeada de livros, seu contato com a literatura deu-se de forma oral, pelas histórias contadas por sua mãe, às quais relacionavam-se às culturas africanas, contadas de forma simples.

Em síntese, esta seção procurou apresentar a análise da capa da revista *conexão Literatura* com os elementos sincréticos ali presentes, e que estão afirmando o que está exposto na entrevista que a escritora concedeu à referida revista. Os detalhes não passam despercebidos, tem um valor e podem conquistar os leitores para buscar mais detalhes do que está posto, acessando o interior da revista. Desse modo, há que se considerar, conforme Teixeira (2014), que ao ter diante de si uma primeira página (aqui, no caso analisado é capa de revista), o leitor percebe uma unidade de expressão entre texto verbal (tipos, cores, tamanhos) e texto visual (tamanho da imagem, cores e composição da fotografia). Essa unidade de expressão se homologa ao que se apresenta na capa para representar o conteúdo fornecido na entrevista.

Vale destacar que as contribuições dos autores referidos neste artigo tornaram a pesquisa esclarecedora no momento da busca de tais elementos sincréticos. Assim, encaminha-se para as considerações finais.

5 Considerações finais

Neste artigo, buscou-se analisar os elementos sincréticos presentes na capa da revista *conexão Literatura* associados ao texto que está presente dentro da mesma. Constatou-se que na capa, as partes que a compõem, principalmente associadas ao visual da escritora confirmam o que está dito na entrevista, dentro da revista. Esta foi a estratégia escolhida pela revista: chamar a atenção dos leitores para a capa a fim de que lessem seu conteúdo interno.

Muitos elementos presentes na capa e associados à escritora, necessitam de interpretação, ou seja, enxergar além do que subjaz a imagem. Nos estudos da semiótica, entende-se que, apesar dos significados embutidos nos signos, o indivíduo pode descobrir significação nele ou fora dele, principalmente, nos meios de comunicação.

Diante disso, este artigo procurou mostrar quais elementos verbais e não verbais presentes na capa remetem ao conteúdo exposto na entrevista constante no interior da revista. Dessa maneira, é preciso entender o contexto para conseguir interpretá-la. Observou-se por meio do que se investigou na capa da revista que, como afirma Bakhtin, os gêneros do discurso são enunciados típicos em uma determinada situação de interação, historicamente situados, culturalmente construídos e ideologicamente saturados. Por meio desta análise, ainda, espera-se contribuir para que os leitores, em especial, docentes e discentes, percebam como a linguagem verbal e principalmente a não verbal presente na capa de revista constrói o seu discurso e que as leituras aqui realizadas não se esgotam, é possível, outras leituras.

Referências

- ACOSTA-PEREIRA, R. *O gênero jornalístico notícia: dialogismo e valorização*. Florianópolis, Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. 229 p.
- AGUIAR, Vera Teixeira. *O verbal e o não verbal*. São Paulo. UNESP: 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec. 1979.
- _____. *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BLOCK, David. *Second Language Identities*. London: Continuum, 2007.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Estudos contemporâneos sobre a noção de texto*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mW-zWtnca90>>. Acesso em 25 julho 2017.
- CORTINA, Arnaldo; DA SILVA, Fernando Moreno. *Semiótica e Comunicação: estudo sobre textos sincréticos*. Araraquara. SP, Cultura Acadêmica, 2014.
- D'ADESKY, J. *Pluralismo ético e multiculturalismo: racismo e anti-racismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DISCINI, Norma. HQ e poema: diálogo entre textos. (Org). *Semiótica: objetos e práticas*. São Paulo: Contexto, 2005.

FARINA, Modesto. *Psicodinâmica das Cores em Comunicação*. São Paulo: Edgard Boucher, 1994.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. *Para entender o texto*. São Paulo: Ática: 2002.

_____. Para uma definição das linguagens sincréticas. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; TEIXEIRA, Lucia (Org.). *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 38.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal, v 10639, n03*, 2005.

_____. *Relações entre linguagens no jornal: fotografia e narrativa verbal*. Niterói: EdUFF, 2008.

GONÇALVES, L. A. O. *De preto a afro-descendente: da cor da pele à categoria científica*. In: Barbosa, Lucia M. A.; Silva, P. B. G; Silvério, R. V. (Ed.). *Trajetos de pesquisa sobre relações étnicoraciais no Brasil: de preto a afro-descendente*. São Carlos, SP: EdUFSCAR, 2003, p.15-24.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. (Ed.). *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Thousand Oaks; New Delhi: The Open University, 1997, p.13- 74.

HALL, S. Who needs 'identity'? In: GAY, P. D.; EVANS, J. E. et alii (Ed.). *Identity: a reader*. London: Sage Publications & Open University Press, 2000, p. 15-30.

HALL, Stuart. Cultural Identity and diáspora. In: RUTHERFORD, Jonathan. *Identity: community, culture, difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HJELMSLEV, Louis. *Prolégomènes à une théorie du langage*. Tradução de Anne-Marie Leonard. Paris: Minuit, 1968.

LOURO, Guacira Lopes. (org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2000.

LOURO. Guacira Lopes. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. Campinas, SP: Scielo, 2008.

MATTE, A. C. F.; LARA, G. M. P. *Um panorama da semiótica greimasiana*. São Paulo: Alfa, 2009, p. 339-350.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MULLER, A. C.; LIMA, A. C. G. et al. Cidadania e pluralidade cultural: questões emergentes. In: CANDAU, V. M. (Ed.). *Sociedade educação e culturas (s): questões e propostas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 30-51.

PASCALE, Ademir. *Entrevista com Conceição Evaristo*. Revista conexão Literatura, nº 24, p. 5-10, junho, 2017. Disponível m: http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura24.pdf . Acessado em março, 2018.

PETRUCCELLI, José Lins. Raça, identidade, identificação: abordagem histórica conceitual. In: PETRUCCELLI, José Lins; SABOIA, Ana Lúcia (Org.). In: *Características étnico-raciais da população: Classificação e identidades*. IBGE, RH, 2013.

PINTO, R. P. Classifying the brazilian population by colour: underlying problems. In: Fundação Carlos Chagas (Ed.). *Brazilian issues on education gender and race*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1996.

TEIXEIRA, Lúcia. *Textos multimodais na aula de português: metodologia de leitura*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPF de Passo Fundo: 2014.

Recebido em: 30 de abril de 2019

Aceito em: 30 de maio de 2019

Publicado em: junho de 2019